

A FISIOPSIKOLOGIA DE JESUS

Wesley de Jesus Barbosa¹

Resumo:

A discussão se Nietzsche leu Dostoiévski é relevante se considerarmos os textos (*O Idiota* e *O Anticristo*) e mesmo sem termos bastante precisão sobre como fora o encontro com, especificamente, a obra *O Idiota*, se de forma direta ou indireta, muitas ideias os livros se coadunam. Ora, Dostoiévski adivinhou o tipo Jesus de Nietzsche. Míchkin é o Jesus, o que não se põe em luta, o que não tem inimigos, capaz de perdoar assassinos, de perdoar o seu assassino. E, também, o discurso fisiologista estava bastante em voga no século XIX e Nietzsche tinha pleno conhecimento dele. Evidentemente que tais leituras não ficarão esquecidas quando da elaboração de seus tipos e interpretações. A questão é perspectivista, logo não se pretende afirmar, de uma vez por todas, que seja isto, mas fortes indícios de análises documentais remetem o leitor a tal hipótese

Palavras chave: idiota, não reatividade, esgotamento e hiperexcitabilidade.

THE PHYSIOPSYCHOLOGY OF JESUS

Abstract:

The discussion whether Nietzsche read Dostoevsky is relevant if we consider the texts (*The Idiot* and *The Antichrist*) and even without having enough precision about how the encounter with, specifically, the work *The Idiot* was, whether directly or indirectly, many ideas in the books match. Now, Dostoevsky guessed Nietzsche's Jesus type. Myshkin is the Jesus, the one who doesn't put up a fight, the one who has no enemies, capable of forgiving murderers, of forgiving his murderer. Also, the physiologist discourse was very much in vogue in the 19th century and Nietzsche was fully aware of it. Evidently, such readings will not be forgotten when their types and interpretations are elaborated. The question is perspectivist, so it is not intended to say, once and for all, that this is the case, but strong evidence of documentary analysis leads the reader to such a hypothesis.

Keywords: idiot, non-reactivity, burnout and hyperexcitability.

O não reativo

Não reagir é um atributo ou uma qualidade que, neste primeiro momento, onstituem-se características de um homem elevado, diferente de todo o

¹ Graduado em História e Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestre em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

habitual: o idiota. O homem disciplinado na mnemotécnica da dor ou essa besta oprimida no processo de adestramento não ajustam o comportamento deste animal a uma não reatividade. De qualquer modo reagimos, mesmo que seja como um fraco.

(...) a “idiotia” é uma tipologia psicológica caracterizada pela capacidade pessoal de se compreender a existência através de uma perspectiva valorativa sustentada por um viés “extra-moral”, e a experiência originária da práxis crística ocorre através dessa singular disposição psicológica.(BITTENCOURT, 2011, p.104.)

O príncipe Míchkin sofre as mais nefastas agressões, muitas delas, completamente gratuitas, e ele não responde no mesmo tom, não se enfurece na mesma frequência. “(...)o príncipe se envolve em uma série de infortúnios por conta de seu caráter insólito, marcado pela absoluta falta de resistência aos seus mais violentos opositores.”(BITTENCOURT, 2011, p.105.) Mas ele não reage, também, porque quisesse estabelecer um ensinamento de algo no qual se pudesse atribuir como certo, um valor elevado, uma filosofia de vida. Ele não pretende ensinar nada, ele não sabe de nada, não é um guru, um sábio, um profeta. Sua existência privada não tem relação nenhuma com o mundo, não se direciona a ele como a demonstrar uma verdade na qual os outros deveriam seguir para garantia de sua felicidade.

Reagir não serve como reparação pelo dano. O dano já foi praticado, reagir, enfrentar, brigar, espernear, nada que se puder fazer anulará o débito da agressão, nem outra agressão. É porque fomos forjados na caldeira da culpa, do ressentimento e dos valores morais judaico-cristãos, que não conseguimos supor uma lógica não punitivista, não reativa, não prisional, não manicomial. Nossa condição decaída exige uma reparação, um acerto de contas. Curiosamente, reagir não torna o agredido melhor disposto, ele se sente mal. E o agressor não avançou a um patamar superior porque sofreu a retaliação, ele só quererá mais vingança. O príncipe, como Jesus, constituir-se-iam aqueles capazes de superar todas as agressões, não ressentido-as, mas esquecendo-as. O uso da força ativa do esquecimento lhes potencializa a não reatividade mantendo-os sem mágoa, numa condição de significativa leveza por seu distanciamento existencial do resto. Tais valores seriam elevados e para Bittencourt perfazem os aspectos do homem que superou o homem.

A não-reatividade de Jesus diante das inúmeras atribuições impostas por seus “adversários” representaria, na verdade, sua capacidade de superar todo tipo de ressentimento aos que foram efetivamente contrários ao seu projeto de beatitude para os que estavam dispostos a acompanhá-lo em sua trajetória evangélica, situação que, conforme a análise nietzschiana, não lhe retira a sua disposição “nobre”, considerada como instância intensiva e extra-social.(BITTENCOURT, 2010, p. 118.)

É bastante interessante como alguém discutiria esse tema da não reatividade, algo incomum a nossa condição fisiopsicológica, sem comprometer-se a escrever um tratado médico psiquiátrico, ou um constructo teórico de Direito Penal, ou um relatório de testes psicométricos ou experimentais, mas lançando mão da literatura, uma forma de escrita que já foi acusada de farsa. E Dostoiévski colocou o tema de forma sublime, inclusive fornecendo pistas para estudiosos de outras áreas refletirem e investigarem. Isto é, o uso do dispositivo literário elabora pistas, conteúdos, conceitos que servem de sedimentos, ideias a serem analisadas por outros intelectuais, de outras áreas, de outras perspectivas. A hipótese literária emite pseudópodes para muitas direções, alcançando, inclusive, a hipótese médica. As novidades da hipótese médica da psiquiatria do século XIX emergiram criações literárias. Os saltos de uma hipótese sobre outra não se justificam como a fagocitar uma pela outra na necessidade de um existir pela aniquilação do outro. As aproximações por pseudópodes levam ao toque de membranas e as trocas de proteínas, ácidos nucleicos, estruturas ribossômicas de transportes de material genético. Neste artigo, gostaríamos de perseverar numa vida que, ao invés, de fagocitar a vida, se alimenta dela numa necessária e urgente troca de informações para colocar em dúvida as pretensões de objetividade da psiquiatria, desmistificando de seu âmago, o seu DNA perspectivo, temporal e histórico, nem um pouco universal: literário até! Por outro lado, queremos também, mostrar dos interstícios das organelas do poema-célula, o rigor e seriedade da escrita literária. Do *crossing-over* do DNA de cada uma destas duas hipóteses que desvelamos seu parentesco, sua cumplicidade e que, qualquer tentativa de dicotomização, só deixam mais evidentes a nossa concepção epistemológica hipócrita de mundo ao querer atribuir valores de verdade a tais noções passageiras, mutantes. analisemos ainda mais alguns trechos da obra de Dostoiévski!

O príncipe foi espancado, esculachado, humilhado. Em todas essas situações reagiu de outra maneira que não a esperada, que seria a de uma reação contundente e destemida. Sequer uma vingança, por menor que fosse. “- (...) Estão lhe preparando uma rasteira, príncipe! Preparando impiedosamente uma rasteira. E... é uma pena que o senhor esteja tão tranquilo. Mas infelizmente com o senhor não pode ser diferente!”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 582.) Os outros temem por ele, se indignam por sua passividade. O convocam a ação, a uma revanche, mas ele, o idiota, mantém-se convicto em sua interioridade. Ele pede desculpas, quando são os outros os agressores. Ele que se sente mal quando estão lhe extorquindo e ele dificulta o processo criando subterfúgios. “ – Oh, não preciso de tão grandes desculpas – apressou-se em responder o príncipe. – Eu de fato compreendo que o senhor está em grandes dificuldades e por isso me insultou. Mas vamos para a sua casa.(...)”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 115.) O insultam como a um verme. Despeja-se a raiva toda nele. Depois ele perdoará, tem o coração bom, todos o compreendem assim. Uma presa fácil para as aves de rapina prontas para atacar o animal indefeso, entretanto, depois correm atrás do herói requerendo seu afeto, suas (des) culpas. A não reação incomoda, desestabiliza, recruta formas de energia que os ofensores não conhecem.

- Ora, não me digas que tu vais me atravessar eternamente o caminho!
– berrou Gânia, largou a mão de Vária e, no último acesso de fúria, com a mão livre deu uma bofetada com toda a força no príncipe.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 148.)

Algumas páginas depois Gânia suplica ao príncipe o seu perdão. Inquestionavelmente recebido! O príncipe não guarda para si os afetos ruins, se livra deles, os esquece, perdoa, não os entende. Se livra do rancor inebriante e garante sua saúde mental. É feliz! Não há dúvida disso, uma felicidade que independe dos outros, da sociedade, é uma felicidade como o “reino dos céus” do tipo Jesus nietzschiano. Conseguir sacudir as pulgas e carrapatos desgarrando-se do passado bilioso é uma atitude forte, ativa, jovial, na qual poucos são capazes.

- Vamos, desculpe, vamos, desculpe! – insistia impacientemente Gânia.
– Bem, se quiser eu beijo a sua mão! O príncipe estava estupefato e calado, abraçou Gânia com os dois braços. Os dois se beijaram sinceramente.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 151.)

A crença na vingança faz o homem do ressentimento encontrar o alívio para a dor. Se algum mal fora feito, basta a punição, o castigo e tudo estará reparado. E aí encontra-se o grave engano, não há reparação para os eventos do passado, eles não existem mais, não adianta recrutá-los, lembrá-los, isso é adoecedor. Pois assim, o sofrimento não estanca. Se naquele momento da ferida se cuidasse dela para não contaminar todo o corpo e na primeira cicatriz esquecesse-se das causas, se levaria uma vida mais saudável. Todavia, o homem de consciência hipertrofiada não se desvincula do siso, fica amargurando, e o sacerdote, esse oportunista, não cuida do doente, seu objetivo não é sarar a dor, mas alimentá-la corroborando para a mentira do além-mundo. O príncipe explica com sua prática de vida que a idiotia talvez fosse uma saída terrena mais eficaz para a felicidade que a promessa do além-mundo, uma existência singular apartada do homem ressentido. Uma existência espontânea e leve. “ - Eh-eh-eh! Por que o senhor foi dar com a língua nos dentes! – gritou ele com um despeito raivoso. – O senhor não sabe de nada! Idiota! – resmungou consigo (Gavrila Ardaliónovitch). / - A culpa é minha, falei absolutamente sem pensar; é que veio a calhar. (...)”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 105.) Dostoiévski chega ao extremo absurdo da não reação quando o sujeito tem a sua integridade física, a sua vida ameaçada. Mesmo quando viu o ataque de faca se projetando, o príncipe não se contrapôs conscientemente. Seu corpo, percebendo a ameaça incontestável, recrutou esforços para reagir, não como uma oposição, mas como um ataque epiléptico. No exato instante que Rogójin ia desferir o golpe, o príncipe desaba num ataque espasmódico.

Os olhos de Rogójin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la. Lembrava-se apenas de que parecia haver gritado: - Parfen, não acredito!...(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 271.)

Porém, aqui não encontra-se ainda a caricatura mais bruxuleante da personagem do romance. Em que medida perdoaríamos um assassino? E se estivéssemos lado a lado com ele e se ele matou alguém que amamos, o perdoaríamos, o deixaríamos quieto e ainda cuidaríamos dele em sua loucura de arrependimento? Assim se comportou Míchkin, mesmo reassumindo sua condição idiota como nos tempos da Suíça, - e salientamos que no momento oportuno discutiremos as referências de Dostoiévski a uma

idiotia enquanto diagnóstico clínico -, cuidava do devastado assassino, absorto em seu arrependimento. Rogójin matara Natácia Filippovna, esta injustiçada que desde o começo fora digna de atenção e carinho do príncipe. Mas ele não retaliou, julgou, condenou, apenas retornou ao seu mundo interno mais íntimo desligando-se totalmente do mundo e das pessoas.

Ao menos quando, já depois de muitas horas, abriu-se a porta e pessoas entraram, estas encontraram o assassino completamente sem sentidos e febril. O príncipe estava sentado ao lado dele na esteira imóvel e calado, e sempre que o doente gritava ou delirava, ele se apressava em lhe passar a mão trêmula pelos cabelos e faces, como se o afagasse e o acalmasse. No entanto já não compreendia nada do que lhe perguntavam e não reconhecia as pessoas que entravam e o rodeavam. Se o próprio Schneider chegasse agora da Suíça e olhasse para o seu ex-discípulo e paciente, ele, lembrando o estado em que o príncipe às vezes ficava o primeiro ano de tratamento na Suíça, agora desistiria e diria como naqueles tempos: “Idiota”.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 679.)

A discussão se Nietzsche leu Dostoiévski é relevante se considerarmos os textos (*O Idiota* e *O Anticristo*) e mesmo sem termos bastante precisão sobre como fora o encontro com, especificamente, a obra *O Idiota*, se de forma direta ou indireta, muitas ideias os livros se coadunam. Ora, Dostoiévski adivinhou o tipo Jesus de Nietzsche. Míchkin é o Jesus, o que não se põe em luta, o que não tem inimigos, capaz de perdoar assassinos, de perdoar o seu assassino. “Esse ‘portador da boa nova’ morreu como viveu, como ensinou – não para ‘redimir os homens’, mas para mostrar como se deve viver.”(NIETZSCHE, 2007, p. 41.) A falsificação implementada, desde os discípulos, corromperam a imagem de Jesus, Paulo é o responsável por aplicar contornos de recompensa e punição ao Redentor. O ato supremo de sua prática crística, a cruz, não foi perdoado pelos discípulos e as gerações vindouras. Todo o trabalho do Redentor de anular e extinguir toda a vida ressentida foi por água abaixo, quando a vingança demonstrou ser o recurso usado por aqueles que deveriam ter aprendido a perdoar, a não reagir.

Evidentemente, a pequena comunidade não compreendeu o principal, o que havia de exemplar essa forma de morrer, a liberdade, a superioridade sobre todo o sentimento de *ressentiment* (ressentimento): sinal de como o entendia pouco! Jesus não podia querer outra coisa, com sua morte, senão dar publicamente a mais forte demonstração, a prova de sua doutrina... Mas seus discípulos estavam longe de perdoar essa

morte – o que teria sido evangélico no mais alto sentido. (...) Precisamente o sentimento mais ‘inevangélico’, a vingança, tornou a prevalecer.” (NIETZSCHE, 2007, p. 46.)

A vida evangélica não é algo que se faz proselitismo, pregação, convencimento. Ela é uma prática de amor, de não resistência, de não violência. Uma prática desprovida de vontade de poder porque não parece dispor-se a aumentar a força para dominar e subjugar. Jesus é o oposto do bicho homem, naturalmente um animal pronto para a guerra, o domínio e controle dos fracos. Jesus é o oposto do resultado do amansamento da besta louca. “Justamente o contrário de todo pelear, de todo sentir-se-em-luta, tornou-se aí instinto (‘não resistas ao mal’ [Mt 5,39], a frase mais profunda dos evangelhos, sua chave em certo sentido), a beatitude na paz, na brandura, no não poder ser inimigo.”(NIETZSCHE, 2007, p. 34.)

Daí se percebe o grande espanto que causou Jesus. O Jesus que se pretendia não seria o não reativo, o que perdoa, o que está alheio ao grande jogo político do mundo. De que serviria um Deus que se fez homem, se ele vive uma interioridade, o “reino de Deus”, uma felicidade privada, que não se disporia a emplacar uma luta política por independência ou por garantias sociais, uma luta muito mais para se vingar dos ultrajes sofridos pelos judeus ao longo da história do que propriamente afirmar o valor soberano de um povo! E, um Jesus que não condena porque não julga, ele perdoa, pois não consegue desgrudar-se de seu mundo particular para ir ao mundo fundar o certo e o errado, o bem e o mal. Sua prática crística era avessa aos interesses judeus, pois se valia de um modo distinto do dos homens.

Em vista de tais conceitos, podemos considerar que decorria daí a insatisfação que o seu projeto existencial gerou nalguns segmentos judaicos que, a princípio, eram aparentemente favoráveis aos seus ensinamentos, pois acreditavam na iminência de Jesus instaurar o “Reino de Deus” na Terra através das armas, proporcionando assim a consequente sublevação contra o domínio romano. Os movimentos patrióticos dos judeus, apesar dos traços heroicos manifestados nas lutas de independência, eram sustentados pelo espírito de ressentimento contra a figura do invasor, que catalisava em torno de seu poder estabelecido o virulento ódio da sociedade judaica.(BITTENCOURT, 2010, p. 131.)

Jesus e o príncipe Míchkin são incompreendidos pela sociedade, pois a sua forma de valorar distingue-se absolutamente. “O ‘idiota’ não reage ao ofensor não por causa de

uma fraqueza vital, mas porque ele não *reconhece* o ‘ofensor’ como tal.” (BITTENCOURT, 2011, p.111.) Como seria possível, ao invés, de odiar os inimigos, amá-los? Como não reagir, se defender, lutar pela existência que é a única coisa realmente certa que de fato temos? Como ser manso com o agressor, como ser solícito com o pederasta, como não sentir raiva! Como realizar o esforço de transformar a não reação em instinto sem a garantia inventada por Paulo do além-mundo, mas contentar-se com essa estaca presa ao instante, essa prática livre de toda autoridade, de todo dogma, de todo sacerdote, inundada de alegria e amor, não porque se compara, mas porque é privatista! Como é não ter inimigos!]

Ele não resiste, não defende seu direito, não dá um passo para evitar o pior, mais ainda, ele procura o pior...E ele pede, ele sofre, ele ama com aqueles, naqueles que lhe fazem mal... As palavras que ele diz ao ladrão na cruz contém todo o evangelho.(NIETZSCHE, 2007, p. 41.)

O evangelho de Jesus não é uma predisposição a falatório de fanático religioso, é um recolher-se em seu próprio coração para encontrar a paz.

– Uma tal fé não se encoleriza, não repreende, não se defende: não traz “a espada”[Mt 10,40] – não faz ideia de como poderia vir a separar. Não prova a si mesma, seja por milagres, seja por recompensa e promessa, menos ainda ‘pela Escritura’: ela própria é, a cada momento, seu milagre, sua recompensa, seu ‘reino de Deus’. Essa fé não formula a si mesma – ela vive, ela se opõe a fórmulas.(NIETZSCHE, 2007, p. 37.)

A humanidade do tipo Jesus não corresponde a do tipo ressentido, animal de rebanho. “Na experiência evangélica de Jesus, o ‘Reino de Deus’ não pode ser pensado como promessa de um paraíso ultramundano, mas como vivência plena e atemporal do amor e da renúncia a toda oposição, a toda forma de ressentimento.”(BITTENCOURT, 2011, p.115.) Ora, teria Nietzsche anunciado o tipo Jesus como o além-do-homem? Se nos momentos finais Nietzsche abandonou o projeto de superação do homem no tipo Zarathustra, o da transvaloração de todos os valores, por que apostaria no tipo Jesus como advento do novo homem se ele é desprovido de vontade de poder? O comportamento não reativo em si mesmo seria capaz de gerar valores? A nulidade da força do tipo Jesus não enuncia o novo homem e não explica ou justifica um suposto abandono do projeto da vontade de poder no Zarathustra. O tipo Jesus, ao que tudo indica, sofre de uma

degenerescência fisiológica. Mas investiguemos um pouco mais as características do idiota.

A prática evangélica tal como interpretada por Nietzsche em sua cristologia sustentada por uma compreensão extra-moral é precisamente a capacidade de o indivíduo que aplica a doutrina evangélica viver em estado de beatitude, de silêncio, de quietude, de amor incondicional, e essas qualidades se granjeiam mediante a compreensão de que jamais ocorreu qualquer tipo de ruptura entre a dimensão humana e a dimensão divina, instâncias intrinsecamente complementares. (BITTENCOURT, 011, p.115.)

Ora, o sentido dado por Bittencourt à palavra idiota refere-se a uma compreensão ética na qual tanto Míchkin quanto Jesus configurariam o além-do-homem, pois conseguiriam livrar-se das amarras construídas pela inversão dos valores morais. “Fato que deve ser destacado é que, no contexto nietzschiano, esse termo adquire uma poderosa conotação filosófica, uma espécie de tipologia ética que rompe sutilmente com os padrões gregários estabelecidos.” (BITTENCOURT, 2010, p. 124.) Porém, Bittencourt não explica como um sujeito desprovido de vontade de poder é a superação do homem. Isto é, o homem que superou o homem transvalorou todos os valores e agora produz seus próprios valores. Todavia, não é de fácil compreensão ajustar a nulidade de força do tipo Jesus como capaz de produzir valores. Os aspectos da idiotia que analisamos seriam valores morais próprios de um corpo de nula vontade de poder? Pois bem, mas como poderia o além-do-homem ser uma superação se a sua vontade de vida que é vontade de poder, aumento da força e do vigor para glorificar a vida, é eliminada? As pistas parecem indicar que Bittencourt, fortemente comprometido com a tese literária, exalta o tipo “idiota” como uma metáfora da assunção do novo homem. Mas sua liberdade hermenêutica, intuitiva, poética talvez, não esclareçam todos os sentidos. E talvez ele não quisesse mesmo tornar cristalina a explicação, afinal, as hipóteses transcendentalistas e substancialistas perfazem a crítica de Nietzsche a toda a história do conhecimento, na qual ele endossa.

O idiota além de não reagir, de ter um mundo privado, diferencia-se de todo o resto, ainda, e por causa dessas questões, por ser apolítico, ou seja, de não ter tato para os negócios de Estado e de comércio ou dinheiro. Em outra cena, o príncipe, vítima de extorsão, ao invés, de indignar-se e revoltar-se, de anunciar que iria chamar a autoridade

policial ou coisa do tipo, se sente resignado e triste por ter exposto que daria o dinheiro, porém havia mostrado em público o tipo de calhorda que ali se encontrava a sua frente.

No entanto, mal ele se sentou em seu lugar um arrependimento ardente e doído lhe traspassou o coração. Além do fato de haver ‘ofendido’ Burdovski, ao supor nele, de forma tão pública, uma doença da qual ele mesmo se tratara na Suíça -, além disso, o oferecimento dos dez mil rublos em lugar da escola fora feito em sua opinião, de forma grosseira e descuidada como uma esmola, e precisamente pelo fato de que isso foi dito em público.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 317.)

Apesar de estar cercado de canalhas e, sabe disto, não reage, não se impõe, não denuncia as injustiças das quais é vítima. Para o príncipe, esses desajustes e desconexões na sua relação em sociedade são menores, externos, o seu mundo é outro, distante, de pouco contato com essa realidade distópica.

Teoria da degenerescência

A teoria da degenerescência foi desenvolvida para explicar e diagnosticar a idiotia. O desenvolvimento anormal das faculdades mentais, intelectuais e motoras devia-se a uma paralisia transmitida hereditariamente. O organismo, geração após geração, iria decaindo, reduzindo seu nível desenvolvimental até a aniquilação e fim. O sujeito degenerado não é interessante evolutivamente à vida humana e, a natureza, sabiamente, conduz tal organismo a sua extinção não comprometendo o processo evolutivo. A degeneração transmite uma condição de cada vez menos poder, de cada vez menos força, o que não conduziria a espécie a amplificar sua força. Morel pretendia investigar a relação entre o quadro clínico, a evolução e a causa biológica e disto avançar a constatação de que a degenerescência é progressiva e hereditária, quanto mais tempo ela perpetua na espécie, mais indivíduos piorados surgem. *“Les dégénérescences ne peuvent donc être que le résultat d'une influence morbide, soit de l'ordre physique, soit de l'ordre moral, et, comme tous les états maladiés, elles ont leurs caractères spéciaux et leurs caractères généraux.(...)”*(MOREL, 1857, p. 4.)

A transmissão dessas características anômalas obedece à lei da degradação que segundo Morel é mais eficiente que a lei da hereditariedade. Ou seja, as características biogenéticas transmitidas às gerações futuras pelo cruzamento dos pais são menos abruptas e intensas na lei da hereditariedade que na lei da degradação. A degenerescência obedece à lei da degradação que, curiosamente, aguça os aspectos decadentes dos pais

nos filhos fazendo do filho ainda mais idiota que os pais. Como a velocidade de transmissão na lei da degradação é maior que na lei da hereditariedade, apesar da evolução genética ser mais lenta, há a seu favor o aprofundamento dos traços mórbidos dos degenerados que os leva a extinção, abrindo caminho para o avanço lento da lei da hereditariedade.

Un des caractères les plus essentiels des dégénérescences est celui de la transmission héréditaire, mais dans des conditions bien autrement graves que celles qui règlent les lois ordinaires de l'hérédité. L'observation rigoureuse des faits nous démontrera, qu'à moins de certaines circonstances exceptionnelles de régénération, les produits des êtres dégénérés offrent des types de dégradation progressive. Cette progression peut atteindre de telles limites que l'humanité ne se trouve préservée que par l'excès même du mal, et la raison en est simple: l'existence des êtres dégénérés est nécessairement bornée, et, chose merveilleuse, il n'est pas toujours nécessaire qu'ils arrivent au dernier degré de la dégradation pour qu'ils restent frappés de stérilité, et conséquemment incapables de transmettre le type de leur dégénérescence. (MOREL, 1857, p. 4-5.)

Considerando ainda que os organismos degenerados tendem a se agrupar e copular entre si, subtende-se que deste cruzamento formar-se-á gerações cada vez mais decaídas acelerando o processo natural de extinção dos fracos. As várias patologias degenerativas desembocam no mesmo sumidouro, o grave quadro da idiotia. O idiota é o produto final do cruzamento de várias gerações de sujeitos degenerados e corresponde a um nível de morbidez tão profundo que o organismo se torna totalmente estéril. Ora, a própria natureza consegue selecionar os melhores e conduzir os piores para o seu derradeiro fim garantindo a transmissão genética das características adaptativas interessantes à permanência da espécie no meio.

(...) essa marcha inclemente em direção a degenerescência total das faculdades físicas, intelectuais, psíquicas e morais, terminará com o nascimento de indivíduos que contém em si todos os estigmas que anunciam o grau máximo de degradação na espécie, tais indivíduos são justamente os *idiotas*(...).”(SENA, 012, p. 315.)

A degenerescência marcará os idiotas com o estigma de um menos poder, transmitida, segundo Morel, à próxima geração, até a esterilidade total do degenerado. Desta maneira, a involução do sujeito como uma acumulação geracional de cada vez menos *quantus* de energia reverberará num quadro de esgotamento das funções, tanto

motoras quanto psicológicas, que culminará numa hiperexcitabilidade, analisada por Féré através de seus testes de psicomotricidade.

Hiperexcitabilidade e esgotamento

O discurso fisiologista estava bastante em voga no século XIX e Nietzsche tinha pleno conhecimento dele. Evidentemente que tais leituras não ficarão esquecidas quando da elaboração de seus tipos e interpretações. A questão é perspectivista, logo não se pretende afirmar, de uma vez por todas, que seja isto, mas fortes indícios de análises documentais remetem o leitor a tal hipótese. Apesar de Féré ser pouco conhecido hoje, o alemão o teria estudado. Féré trabalhou em Sapêtrière sob a direção de Charcot e fez parte do movimento que Foucault denominou de “generalização do poder psiquiátrico”.

Ainda que em nossos dias, o nome de Charles Féré (1852-1911) tenha sido quase que totalmente esquecido, ele foi um cientista e ensaísta bastante reconhecido e estimado pelos seus contemporâneos. Médico, fisiologista e neuropsiquiatra, Féré foi interno no famoso hospital de Salpêtrière, então sob a direção do renomado neurologista Jean-Martin Charcot (...)(SENA, 2012, p. 218.)

Féré poderia ser identificado àquele grupo que na História da Psicologia ficou conhecido como os psicólogos experimentalistas em que o laboratório de Wundt em Leipzig é a principal referência. Féré testava suas hipóteses em ambientes controlados no intuito de promover a verificação, comportamento e repetição do fenômeno. Ou seja, a ciência em geral do século XIX, encantada com as pistas lançadas por August Comte, aproximava-se do método científico das *Hard Science*, a Física, bastante rígida na elaboração das hipóteses, assim como nas demonstrações e experiências laboratoriais, e não por acaso, com uma capacidade de afirmações gerais e criações de leis mais consistentes e duradouras que as Ciências Sociais e Históricas. Féré dedicou-se ao estudo das forças psicomotrices ou como as afetações, as descargas de energia emocional condicionam um determinado tipo de comportamento motor.

Em *Sensation et mouvement*, Féré levanta a hipótese que a forma emocional como o organismo recebe e interpreta a informação proveniente do meio detona uma reação motora esquelético muscular. O problema de pesquisa proposto é analisar se a variável, Representações Mentais, influência diretamente ou não a Atividade Motora do homem.

Assim, quanto mais sensível o sujeito, mais suscetível a um esforço mecânico maior, e, portanto, a um gasto maior de energia. É óbvio que tais considerações parecem bastante primárias, entretanto, quando se trata de termos científicos, quando se levanta uma questão, se tem a responsabilidade metodológica de testá-la e provar a veracidade ou não do problema. Por isso, Féré levanta o imbróglio, descreve as suas suposições e parte para dentro de seu laboratório.

Nessa interpretação e superação do mundo à maneira de Platão havia uma espécie de *gozo* distinto daquele que nos oferecem os físicos de hoje, ou os darwinistas e antiteleológicos entre os que trabalham na fisiologia, com seu princípio da “força mínima” e da estupidez máxima.(NIETZSCHE, 1992, p. 21)

Ora, se o organismo gasta mais energia que a demanda do meio exige, é de se supor que haverá um desgaste excessivo. Se a cada nova informação do meio o sujeito recruta somas cada vez maiores de energia, uma hora a pessoa terá um esgotamento geral das funções encaminhando o animal a estados mórbidos e depressivos extremamente perigosos a sustentação da vida.

Sous l'influence de la fatigue déterminée par un travail intellectuel prolongé, la force dynamométrique diminue et offre cette particularité qu'elle tend à s'égaliser de deux côtés, c'est-à-dire que la force diminue moins à gauche qu'à droite. Supposons par exemple à l'état normal 55 à droite et 45 à gauche, on trouvera sous l'influence de la fatigue 40 des deux côtés. (...) es hystériques sont dans un état permanent de fatigue psychique qui se traduit par un affaiblissement de la sensibilité, du mouvement, de la volonté; mais des excitations diverses peuvent réveiller momentanément leur énergie. La même observation peut s'appliquer aux neurasthéniques; on peut dire que tous ces sujets ont un certain degré de paralysie psychique.(FÉRE, 1887, p.21.)

Esta resposta exagerada deve-se ao fenômeno irritadiço no sujeito hiperexcitável, uma singela demanda do meio é entendida como uma torrente titânica. Essa atitude é própria dos indivíduos fracos. Os saudáveis reagem de forma proporcional liberando a quantidade de energia necessária para se resolver a pendência, assim como calculando se para este ou aquele evento, se poderia poupar energia, o animal saudável tenderá a poupar gasto porque consegue prever que a vida exigirá um *quantum* maior de energia em outro evento. O doente se esgota, gasta tudo de uma vez e entra num quadro profundo de morbidez, fragilidade, perca e esfacelamento da vontade de poder.

Como os estímulos solicitam resposta, os hiperexcitados, por sentirem de forma exagerada as excitações e por as representarem mentalmente de forma igualmente intensa, respondem aos estímulos de maneira sempre desproporcional, acabando, assim, por se esgotarem. Ser resistente, então, significa poder responder às solicitações, significa, portanto, não ser vulnerável às excitações, não ser morbidamente sensível a elas; porém, um indivíduo esgotado, devido ao desperdício de força que sua irritabilidade lhe impõe, não consegue mais opor resistência às excitações. (SENA, 2012, p. 228.)

Colocada as questões preliminares, falta testá-las. Como Féré fará para medir como um estímulo do meio acarretará uma reação motora e como tal reação é diferente nos indivíduos? Para demonstrar os aspectos da hiperexcitabilidade precisar-se-ia de um aparelho capaz de apresentar números no que concerne a liberação de força do organismo quando exposto a um estímulo. Conseguindo-se aferir quantitativamente a relação entre estímulo e força muscular liberada se conseguiria comparar os indivíduos (pesquisa transversal) e comparar as quantidades de força liberada pelo próprio sujeito quando exposto a estímulos diferentes em tempos variados (pesquisa longitudinal). Esse aparelho já existia naquela época e com um pouquinho de criatividade do cientista se conseguiu descobrir interessantes fenômenos: foi o dinamômetro de Regnier o aparelho usado por Féré em sua metodologia de pesquisa.

Os resultados da pesquisa constataram que quando o sujeito era submetido a alguma atividade de leitura ou conversa, a pressão sobre o dinamômetro aumentava, o que permite afirmar que se definirmos Representação Mental como X e Reação Esquelético Muscular como Y, escreveremos que tais grandezas são diretamente proporcionais, ou seja, se X cresce, Y também cresce. Mais do que isso, partindo de um ponto zero no Plano Cartesiano e supondo que a reta Y vertical cruza com a reta X horizontal formando um ângulo de 90° dando origem a quatro quadrantes e, se consideramos na pesquisa apenas números positivos da reta dos números reais por causa das condições quantificadoras (Representação Mental e Força não seriam grandezas sobre condições atmosféricas de 1atm de pressão das quais pudéssemos quantificá-las negativamente); então o gráfico constituir-se-ia uma reta $F(X)$ infinita saindo de Zero e formando um ângulo exato de 45° tanto com relação a X quanto com a Y no segundo quadrante do plano. E, portanto, “*La plus grande énergie de l’effort momentané coincide*

avec la plus grande activité des fonctions intellectuelles.”(FÉRÉ, 1887, p. 7.) A psicofisiologia novecentista perseguia seriamente um método objetivo e matemático capaz de descrever as grandezas psicológicas e unificar os discursos acadêmicos sobre as interpretações sobre percepção, pensamento, linguagem, aprendizado, inteligência, etc.

Logo, o sujeito saudável transforma Representação Mental em energia motora de forma proporcional e não dispendiosa. Entretanto, o hiperexcitável responde ao estímulo de forma mais aguda. Nesse sentido o ângulo de $F(X)$ seria maior que 45° em relação à reta X , pois a cada $1X$ de Representação Mental há um esforço de $2Y$, hipoteticamente conjecturando. Ou seja, a reta teria uma acentuação mais vertical que no caso do sujeito normal. Esses dados são importantíssimos para o médico munir-se de um aparelho conceitual capaz de diagnosticar, prescrever e tratar doenças. Ancorado nesta estratégia Féré descreverá como determinados pacientes neuropatas e histéricos reagem de maneira completamente distinta daqueles tidos como normais.

Com os dados em mãos se pôde realizar algumas inferências e o próximo passo, portanto, foi explicar o fenômeno fisiologicamente. Ora, o que acontece no organismo que faz que ele reaja desta ou daquela maneira! Imagina-se que uma reação excessiva foi causada por um estímulo muito forte. Entretanto, as pessoas sentem o mundo de forma distinta, isto quer dizer que um mesmo estímulo forte é sentido de forma diferente pelas diferentes pessoas. Nesse sentido há um grau de excitabilidade para cada indivíduo, sendo os mais fracos ou degenerados os mais excitáveis enquanto os fortes e saudáveis menos excitáveis ou excitáveis a um grau normal.

Mas uma excitação é excessiva quando ela é sentida de maneira excessiva, ou seja, a medida de sua intensidade depende do grau de excitabilidade de cada indivíduo. As sensações são, portanto, de modo geral, ou agradáveis, quando são responsáveis pelo aumento de energia estática, ou dolorosas, quando provocam a diminuição dessa mesma energia, dependendo sempre de sua intensidade e duração e, em última instância, da constituição fisiológica de cada indivíduo.(SENA, 2012, p. 236.)

O grande salto interpretativo corresponde à conexão entre o cristão, filho do ressentimento e do rancor, com a hiperexcitabilidade.

“Alguém deve ser culpado de que eu esteja tão mal” – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sypathicus*, numa anormal secreção de bÍlis, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estados de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários etc)(NIETZSCHE, 1998, p. 117.)

Ou seja, o sujeito forjado na cultura judaico-cristã é portador de uma irritabilidade mórbida, o *quantum* de energia gasto por ele como resposta a pequenos estÍmulos é muito maior. O ressentido não reage, fica remoendo, inverte o sentido da força para dentro e fica planejando uma vingança imaginária. Fisiologicamente: isto é uma desregulagem uncional entre a informação do meio e a reação simpática.

O cristão típico (já predisposto) e o ressentido típico possuem uma irritabilidade mórbida que afeta o funcionamento de seu sistema nervoso simpático, resultando em um profundo mal-estar, um enfraquecimento geral das funções orgânicas, que condiciona, em contrapartida, a elaboração de idéias e sentimentos depressivos, interpretados de acordo com o que o filósofo denomina idiosincrasia moral religiosa.(SENA, 012, p. 241.)

A fraqueza do cristão é treinada pelo sacerdote cristão, como o próprio Nietzsche sugere, o objetivo do sacerdote não é curar a ferida, mas alimentá-la, piorá-la, tornar o doente ainda mais doente para assim conseguir estabelecer seu domínio. Ora, a predisposição do fiel a ressentir, comum a todas as pessoas, é alimentada com treinamento, para Féré, a *folie circulaire*. O fraco é submetido a estados de euforia e depressão, ou seja, um estímulo é lançado, a catarse de um discurso, de um momento do culto, da oração, uma romaria dos homens, em que o sujeito tem a sensação de um aumento de poder, até vê imagens, ouve vozes, talvez por causa dos momentos prolongados de jejum; mas, após a liberação desta força, muitas vezes escassa no fraco, se tem momentos de depressão e morbidez, o efeito rebote. O sacerdote, uma fera ardilosa, sabe desse decréscimo de energia, o esgotamento do fiel, e programa outra sessão na qual de novo será liberado o último *quantum* de energia e nova depressão. Isto porque nenhum sofrimento é comparável ao de Jesus que morreu pelos pecados da humanidade. O cristianismo eclesiástico lança mão de uma vida somente dor, pois somos

pecadores e temos que renunciar a ela para conquistar o Paraíso. Renúncia exercitada pela *folie circularie*: jejum, catarse e melancolia.

Cette corrélation entre l'état somatique et l'état psychique est surtout saisissante chez les individus atteints de formes atténuées de folie circulaire et qui sont sujets à des périodes alternantes de dépression et d'excitation. Chez les sensitifs, qui ont surtout fait le sujet de mon étude, on peut retrouver les mêmes alternatives sous l'influence d'excitations modérées ou excessives ou du défaut d'excitation. A l'exagération de la motilité, de la sensibilité, de l'afflux sanguin à la périphérie, correspond une exaltation psychique, qui se traduit par une diminution des temps de réaction en général, une exaltation de la mémoire et de l'imagination, etc.(FÉREÉ, 1887, p. 123.)

Por tudo isto, a tese da degenerescência, esgotamento e hiperexcitabilidade endossam a hipótese médica marcando que, não só o tipo Jesus, mas toda a casta de fanáticos religiosos construída pelo judaísmo cristianismo, sofrem profundamente diante da dor, criando mecanismos, amortecedores, promessas além-mundo, para conter a torrente de sofrimento. Os sujeitos esgotados necessitam de estímulos cada vez mais fortes, como o álcool e outras drogas. E quando estas não são usadas, em geral, com a proibição pela ameaça do inferno, o sacerdote manipula estes estímulos, que ao esgotado ganham nuances de prazer, mas que em seguida aprofundam um quadro de melancolia mórbida.

Jesus e o tipo fisiologicamente obstruído

Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.(NIETZSCHE, 1992, p. 79.)

O tipo psicológico do Redentor, - não os seus traços históricos como pretendia Strauss e Renan -, projeto de Nietzsche para atacar o cristianismo institucional, é possível porque parte de seu conteúdo permaneceu apesar das adulterações. E considerando a recepção de *O Anticristo* como problemática para o meio intelectual, pois além da dureza das palavras, por exemplo, denominando Jesus de idiota e considerando que um ano depois ele teve um colapso psíquico, quem recuperou Nietzsche como filósofo e deu consistência a tese do Redentor foram os interpretadores apoiados em concepções

intuitivas inspiradas no próprio modo do filósofo alemão fazer filosofia. Tais assertivas têm o seu valor, mas retiram o conteúdo mais conceitual acadêmico, ou seja, as leituras que Nietzsche realizara para compor sua filosofia.

Em nossa proposta interpretativa, vemos esse exagero da importância conferida ao papel de uma adivinhação, ou de uma intuição congenial, ou de uma sorte de afinidade subterrânea, como algo problemático e confuso, e que só acaba favorecendo a interpretação que vê na filosofia do *Anticristo* uma volta à mensagem original de Jesus, à sua boa nova. Nietzsche não classifica Jesus de idiota por uma questão pura e exclusivamente intuitiva.(SENA, 2012, p. 363.)

Outrossim, a aproximação que se fez entre as teses russas, haja vista Tolstói e Dostoiévski, com os escritos de Nietzsche demonstram o quanto estes influenciaram o alemão e que quem confirmou inicialmente o tipo Jesus foram eles. Não porque tivessem acessado documentos e realizado uma narrativa histórica, apontando as contradições do texto, mas que conseguiram penetrar psicologicamente no tipo pensado por Nietzsche sem terem lido *O Anticristo* (posterior). Aliás, a discussão de se Nietzsche leu *O Idiota* ou se Dostoiévski lera o alemão é menor, pois os dois conseguiram propor tipos psicológicos bastante similares. Ora, uma interpretação mais intuitiva apostaria numa sintonia entre eles. Porém, segundo a hipótese defendida por Sena, por terem lido as mesmas fontes médicas do século XIX chegaram aos mesmos resultados.

Quem é que fornece as pistas e confirma o tipo original de Jesus, que mostra que ele é *sempre possível*, que atesta que sua compreensão não está em sua reconstrução histórica, mas em sua realidade psicológica, em sua permanente possibilidade? Tolstói e Dostoiévski, a circunspeção psicológica que o pessimismo russo permite.(SENA, 2012, p. 362.)

No que se refere aos nossos esforços de trabalho consideramos que o tipo psicológico do Redentor foi diagnosticado por Nietzsche sob a influência direta da literatura psiquiátrica do século XIX. Sua interpretação não é, apenas, intuitiva, mas alicerçada em conceitos. Aqui, deve-se imaginar que o processo de leitura destes materiais aguçou determinados *insights*, saltos intuitivos capazes de construir o diagnóstico do Redentor. Conceito e intuição numa comunhão criativa: um no outro, um pelo outro.

A doença da vontade está difundida irregularmente na Europa: mostra-se mais intensa e variada onde a cultura se estabeleceu há mais tempo, desaparece à medida que o bárbaro ainda – ou novamente – faz valer seu

direito sob as vestes frouxas da educação ocidental.(NIETZSCHE, 1992, p. 113.)

A novidade em Nietzsche esta precisamente em não ter que aceitar uma hipótese para negar a outra, ou seja, bom e mau são duas categorias excludentes forjadas a partir de uma interpretação moral desde Sócrates, isto é, a vida não se resume a dois lados de uma moeda, bom e mau estão implicados no mesmo fenômeno que é viver. “Não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos...”(NIETZSCHE, 1992, p. 73) Deste modo, perseverar no ponto de que o idiota de Jesus é uma referência clara a nosografia médica dos novecentos não anula os aspectos intuitivos da construção de sua filosofia. Aliás, muito pelo contrário, comprova mais uma vez o caráter criativo e genial do alemão e como ele fazia uso dos conceitos de uma determinada teoria de um jeito genuinamente particular.

Seu diagnóstico recorre sem dúvida à abstração conceitual, em que a intuição tende, naturalmente, a exercer um grande valor, mas tal diagnóstico está devidamente ancorado em toda uma tradição teórica com respeito ao tema, ele não surge espontaneamente, repentinamente, por “caminhos ocultos”, *ex nihilo*.(SENA, 2012, p. 363.)

O alvo de Nietzsche é o cristianismo, não exatamente Jesus, acerca dele há um ancoradouro positivo que serve para atacar a negatividade do cristianismo. Todavia, forjados que fomos, na caldeira moral judaico-cristã, demonstramos dificuldade para traduzir as pistas lançadas sobre Jesus e o cristianismo, pois tendemos a colocar tudo no lugar bom/mau, bem/mal, certo/errado, verdade/falsidade, etc. E aí parece que Nietzsche esta *falando mal* para atacar o cristianismo ou *falando bem* de Jesus para contrapor-se ao cristianismo. Mas não é isto, esta *além de bem e mal*, é uma filosofia que transvalora todos os valores.

Em uma passagem decisiva de *O Anticristo*, e que consideramos uma chave para sua interpretação, Nietzsche, ao negar o Deus criado por Paulo, não por qualquer questão de ordem ontológica, mas por considerar esse conceito mesmo de Deus como extremamente danoso para a vida, delineando, assim, aquilo que separa o *seu ateísmo* do *ateísmo moderno*, afirma: “Na verdade, não se é filólogo e médico sem ser também *anticristão*. Como filólogo, olha-se *por trás* dos ‘livros sagrados’; como médico, *por trás* da degeneração fisiológica do cristão típico. O médico diz ‘incurável’; o filólogo, ‘fraude’.” (NIETZSCHE, 2007, p.57) (SENA, 2012, p. 360.)

Portanto, a hipótese médica incorpora a noção de doença, neurastenia, psicose, neurose, ao fenômeno religioso. Se a hipótese literária tem em Míchkin o idiota como o avesso àquela sociedade russa, ou seja, um quietismo como dificuldade de reação aos estímulos oferecidos pelo meio, que Nietzsche enfatizará no seu tipo Jesus; a hipótese médica diagnostica Jesus como um doente dos nervos, um sujeito esgotado e hiperexcitável.

Considerações Finais

O idiota de Jesus enquanto condição degenerada, completamente esgotado, não surgiu por acaso numa região dispare. A região onde Jesus nasceu era povoada por todo tipo de gente doente pelo alcoolismo crônico, pela moral sacerdotal, pelos chandala. Jerusalém era o terreno propício para o aparecimento destes negadores da vida. “A idiotia de Jesus é fisioculturalmente condicionada, não é mero acaso, um golpe do destino, mas algo previsível sob tais condições e, até mesmo, inevitável.”(SENA, 2012, p. 365.) s negadores do mundo, os blasfemadores da vida, constituíam-se os sacerdotes judeus, nada sabiam do mundo, sequer retendiam se envolver. Conduziam-se como apolíticos, absortos em mentalizações além-mundo, perdidos em suas divagações esperançosas de uma paz eterna pós-morte. “O judaísmo sacerdotal nada entendia das relações práticas da vida, das questões ligadas aos negócios públicos, mas tão-somente de questões ‘espirituais’, religiosas, morais, abstratas, antinaturais, irreais.”(SENA, 2012, p. 366.) Uma gente preguiçosa, incapaz de ir a luta para conquistar o seu quinhão de sobrevivência, grupo de parasitas que espoliam os fiéis sob a argumentação de que detém um saber do qual se alcança a vida eterna.

Livros de todo mundo sempre são livros malcheirosos: o odor da gente pequena adere a eles. Ali onde o povo come e bebe, e mesmo onde venera, o ar costuma feder. Não se deve frequentar igrejas, quando se deseja respirar ar puro.(NIETZSCHE, 1992, p. 37)

Sua ladainha pedinte é arcabouço de sua estratégia de controle, pedir dinheiro faz o gado sentir-se pertencente a uma coisa maior, grandiosa, mágica, a igreja, a imortalidade da alma, a felicidade eterna.

Tal como o criminoso, o santo é uma parasita da sociedade. Devido a sua hiperexcitabilidade e ao seu esgotamento, os sujeitos degenerados

se veem impossibilitados de continuarem na luta pela existência, mostrando-se igualmente incapazes de um esforço contínuo, inábeis para o trabalho, tomados pela preguiça, e, por conseguinte, dependentes do trabalho alheio.(SENA, 2012, p. 369.)

É neste ambiente de seres decaídos, degenerados, hiperexcitáveis, que Jesus surgirá, não como alguém que se diferencia desta gente, mas como produto mesmo da degenerescência, o último estágio, aquilo que aquela sociedade conseguiu fabricar de pior, o idiota filho do cruzamento de alcoolistas, com um desenvolvimento interrompido e estéril.

No cristianismo, os instintos dos sujeitados e oprimidos vem ao primeiro plano: são as classes mais baixas que nele buscam a sua salvação. Nele a casuística do pecado, a autocrítica, a inquisição da consciência é praticada como *ocupação*, como remédio para o tédio; nele o afeto em relação a um *poderoso*, chamado “Deus”, é continuamente sustentado (mediante a oração); nele o mais elevado é visto como inatingível, como dádiva, como “graça”.(NIETZSCHE, 2007, p. 24.)

Por fim, Sena enquadrou Jesus no diagnóstico da idiotia inserindo-a sócio culturalmente ao contexto da época. Mas a novidade em Jesus é que mesmo condenado a sua extinção pela morte, não só ontogenética, pela cruz, mas também filogenética, por sua incapacidade de deixar herdeiros, não ressentido seu destino. Aceita sua degenerescência e vive sua condição alegremente, sem atribuir culpados a sua miséria. Aliás, mesmo como o mais miserável dos homens, na sua morte oferecida somente aos canalhas, responde, não com a revolta e a guerra, mas com o amor e o perdão. Sua beatitude está em reconhecer a sua idiotia e, não reagindo, numa posição resignada, encontra o Pai, como sua experiência interior. Somente com o ensimesmar-se do idiota se é possível esta experiência com o sagrado.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120.
- _____. *A tipologia do ressentimento em Doitóiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011.
- _____. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010.
- _____. *Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche*. Ítaca, n. 21, 2012.

- _____. *Espinosa, Nietzsche e a denúncia da moral teológica como distorção axiológica das disposições afirmativas da autêntica práxis crística*. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 1, 2010.
- _____. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013.
- _____. *Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus*. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011.
- _____. *Nietzsche e a Psicologia do Redentor*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 7, n. 14, p. 57-71, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Correspondências (1838-1880)*. Trad. de Robertson Frizero. Porto Alegre: Inverso, 2009.
- _____. *Crime e Castigo*. Editorial Presença, 2011.
- _____. *Gente pobre*. Fiódor Dostoiévski, 2015.
- _____. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017.
- _____. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002.
- _____. *Os Demônios*, Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Editora, v. 34, 2004.
- _____. *Os irmãos Karamázov*. Ed. 34, 2008.
- FOGEL, Gilvan. "O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski" In: Vânia Dutra de Azeredo (org.) *Encontros Nietzsche*. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003, p. 51-70.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma – Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- GIACÓIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. Vale do Rio dos Sinos: Ed. Unisinos, 2001.
- MARTON, scarlett *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1990.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- _____; DE MORAES BARROS, Fernando. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. hedra, 2007.
- _____. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos u como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Escritos sobre história*. Edições Loyola, 2005
- _____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.
- _____. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- _____. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- _____; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- _____; GIACÓIA, Oswald. *Fragmentos póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.

- PASCHOAL, A. E. *Memória e esquecimento em Nietzsche*. In: Falando de Nietzsche – Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- _____. *Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, v. 6, n. 2, 2016.
- _____. *A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, 2012.
- _____. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010.
- RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Trad. de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1915.
- SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012.
- SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010.
- SOUZA, Cláudia Franco. *Dostoiévski, Nietzsche e Freud e o mal-estar na consciência*. Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia–, p. 39.
- STEGMAIER, Werner. *As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*. Editora Vozes, 2013.
- STELLINO, Paolo. *El descubrimiento de Dostoiévski por parte de Nietzsche*. Contrastes. Revista Internacional de Filosofía, v. 13, 2007.
- STENDHAL. *O Vermelho e o Negro*. Editora Nova Cultural Ltda: São Paulo, 2002.
- TOLSTÓI, Leon. *O Reino de Deus está em vós*. Trad. de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.
- TOLSTÓI, Liev. *Minha Religião*. Trad. De Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: A Girafa, 2011.
- VIANA, Nildo. *Nietzsche, Vontade de Potência e Irracionalismo*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 9/10, p. 569-589, set./out. 2010.
- VIENSENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas, 2009.
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the history of ancient Israel*. nyclopaedia Britannica, 1885

